

# Entre o Desamparo Humano e o Amparo Divino: Um Caso Clínico numa Ótica Interdisciplinar<sup>1</sup>

Karin Hellen Kepler Wondracek

Psicóloga. Psicanalista. Membro titular do Núcleo de Estudos Sigmund Freud em Porto Alegre. Tradutora das *Cartas entre Freud & Pfister* (Ultimato, 1998). Organizadora de *O futuro e a ilusão* (Vozes, 2003). Autora de *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise* (Sinodal/IEPG, 2005). Vice-coordenadora do Grupo Independente de Pesquisas em Psicanálise e Religião. Coordenadora de Seminário convidada do Círculo Psicanalítico do R. G. S.

*Dedicado ao Dr. Natal Fachini, em saudosa gratidão pela parceria*

**Palavras-Chave:** Desamparo – Clínica – Sagrado – Essência

**Resumo:** Este trabalho traz um caso clínico numa abordagem interdisciplinar: o referencial psicanalítico é confrontado com as idéias do filósofo e teólogo Paul Tillich, de modo a considerar a história clínica dentro de um marco teórico que leve em conta a dimensão do sagrado. A temática dominante é o efeito da experiência religiosa sobre o sentimento de desamparo, e de que forma a economia psíquica da paciente é modificada através da devoção.

O que escrever do acompanhamento de uma paciente nas suas elaborações? Como escolher, entre tantas sessões, o que retrata seu sofrimento? O que registrar, quando se presencia o que não pode ser reduzido a palavras? Com temor e ousadia, gostaria de recortar alguns fragmentos para compartilhar a caminhada corajosa da paciente que chamarei de Cássia.

Cássia me procurou no ano passado, por recomendação do pastor da sua igreja. Tem 35 anos, casada, uma filha, participa há cinco anos de uma igreja evangélica neopentecostal. Participou de um curso de “cura interior”, sente-

se bem melhor, mas, como persistem problemas, o pastor a encaminhou para mim.

O motivo da procura é que Cássia não consegue sair de casa sem sentir muita angústia. O “coração salta à boca”, as pernas tremem, fica com as mãos suadas, perde a vontade de sair. Diz que sempre foi assim: desde pequena escondia-se nos cantos da casa. É uma das filhas menores, entre seis. A mãe falecera quando estava com 9 anos, e o pai quando completou 14. Os temores de sair de casa se agravaram quando uma colega de escola foi estuprada e morta, um pouco depois da

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi preparada para a Jornada do Laboratório de Psicopatologia Fundamental Pierre Fedidá, UFRGS, Porto Alegre, outubro de 2003.

morte do pai. Lembra-se com terror da interrupção das aulas para que todos assistissem ao funeral da colega, e da sua vontade de nunca mais precisar sair de dentro de casa.

Aos dezesseis anos conheceu R, logo depois engravidou e casou. Moraram durante cinco anos na casa dos pais dele. Lá Cássia se sentiu acolhida e cuidada, pertencendo a uma família. Quando as condições econômicas melhoraram, alugaram uma casa, onde residem até hoje.

Desde a adolescência fez vários tratamentos psicoterápicos e psiquiátricos, de diferentes orientações. Melhorava por algum tempo, mas os sintomas voltavam. Suas condições financeiras sempre foram modestas, e atualmente possibilitam combinar uma sessão semanal, a um preço diferenciado.

As questões de Cássia me remetem a um tema que se tem imposto a minhas reflexões: a relação entre o desamparo vivido pelo ser humano e o amparo encontrado na devoção. No caso de Cássia pergunto: como sua busca do sagrado influenciou o psiquismo e modificou a economia entre os sistemas? O seu sofrimento foi atroz, e a mudança de vida a partir da experiência de fé tem sido muito significativa: o contato com a comunidade religiosa a faz, literalmente, transcender da luta pela sobrevivência no cotidiano para outras dimensões – as leituras, as prédicas e os novos círculos de amizade fazem com que inicie o gosto pelos livros e pela reflexão sobre o sentido da vida. Pode-

mos falar de um bem-estar da cultura? Mas será apenas cultura, ou também o contato com o sagrado?

A vivência comunitária também a sensibiliza para ser solidária com outras pessoas: auxilia os familiares e pessoas da congregação, com meios concretos e atenção. O relacionamento com o marido, também frequentador da comunidade, melhora, embora ela sofra com as diferenças de temperamento: ele é extrovertido, gosta de sair e cercar-se de muitas pessoas; ela gosta de ficar sozinha, lendo, orando e escutando música, ou estar com poucas pessoas em conversas mais profundas. Quanto à sexualidade entre o casal, diz que é algo que existe, mas que não ocupa o centro da sua vida.

Estará na sexualidade o eixo do seu sofrimento? Ou este será de outra(s) ordem(ns)? A história revela perdas significativas em épocas precoces. As perguntas me atravessam: qual a relação entre o sexual e as marcas mais precoces? Que tipo de desamparo experimentará na análise? E que tipo de amparo? De que forma sua devoção religiosa cobre as marcas do sofrimento e provoca um rearranjo no seu “aparelho da alma”?

O encaminhamento de Cássia a partir de um religioso, seu contexto de crença e de psicopatologia, me faz incluir, além de Freud, outra referência teórica: Paul Tillich, filósofo e teólogo que dialogou profundamente com a psicanálise e a filosofia existencial<sup>2</sup>. Resumo apenas um ponto<sup>3</sup>: Para Tillich

<sup>2</sup> Paul Tillich (1886-1965) - filósofo e teólogo alemão-professor de teologia e filosofia em Marburgo, Dresden, Leipzig e Frankfurt. Pertenceu ao grupo formado por T. Adorno e M. Horkheimer, que deu origem à conhecida “Escola de Frankfurt”. Fundador do movimento “Socialismo Religioso” e adversário declarado do nazismo, foi obrigado a deixar a Alemanha e a asilar-se nos Estados Unidos, onde lecionou no Union Theological Seminary e Universidade de Colúmbia (N. Iorque) e Universidade de Harvard. Suas principais obras traduzidas ao português: *A coragem de ser (Paz e Terra) Amor, poder e justiça (Novo Século)*; *A dinâmica da fé e Teologia Sistemática (Sinodal)*, *História do Pensamento Cristão*, (ASTE). Para saber mais sobre as pesquisas atuais a respeito de Tillich no Brasil, ver Grupo de Pesquisa Teologia e Inter/transdisciplinaridade, do IEPG/São Leopoldo, no site [www.est.com.br/iepg](http://www.est.com.br/iepg) e Sociedade Paul Tillich, na UMEP - [www.metodista.br/correlatio](http://www.metodista.br/correlatio)

<sup>3</sup> As idéias aqui expressas estão ampliadas no meu texto *Teologia de Tillich e psicanálise*, na Revista *Correlatio* [http://www.metodista.br/correlatio/num\\_06/teologia.php](http://www.metodista.br/correlatio/num_06/teologia.php)

a psicanálise é o sistema teórico por excelência para compreender a profundidade da alienação humana e os conflitos inconscientes que permeiam o viver. Porém, além da dimensão da existência, Tillich refere que faz parte da natureza humana a dimensão da essência, em que o ser humano reencontra-se com o sentido do viver e integra-se ao *telos*. A crítica a Freud é feita a partir desta dimensão:

*O mal-estar da cultura em Freud mostra que ele é coerente com seu julgamento negativo da pessoa na sua alienação existencial. Mas, se avaliarmos a pessoa apenas pelo ponto de vista da sua existência e não consideramos sua natureza essencial, quando tratamos sua alienação de modo excludente e perdemos de vista sua bondade essencial, não podemos, na prática, chegar à outra avaliação.*<sup>4</sup>

Deste modo, ao Freud não levar em conta a natureza essencial, limitando a pessoa ao ponto de vista existencial, não pode traçar outra conclusão e torna-se preso desta. Esta é, para Tillich, a crítica mais aguda que a teologia pode fazer a Freud.

Entretanto, uma crítica maior está reservada para os ramos derivados de Freud que se tornaram excessivamente otimistas, como Jung e Fromm: ao excluirmos a pulsão de morte da cena, retiramos da psicanálise sua profundidade de *analisar a condição existencial*, e assim desfazem o achado de Freud, que teologicamente é o mais acurado. Perdendo a profundidade de Freud, faltamos o lugar e a força do irracional.

Ao tecer suas ressalvas a Freud, Tillich até mostra certo humor ao descrever Freud como *puritano* que, por isso, não compreendeu a libido na dimensão do amor e a presença de um *eros* criativo que não necessite ser sublimado ou reprimido. E volta-se a Lutero para ampliar a noção de libido:

*Em comparação com Lutero, Freud é um asceta em sua pressuposição básica a respeito da natureza do homem. O protestantismo clássico nega esses pressupostos na medida em que se refere à natureza criada ou essencial, pois na natureza essencial do homem o desejo de se unir com o objeto do amor é efetivo por si mesmo. E esse desejo não é infinito mas definido. É amor e não concupiscência.*<sup>5</sup>

Faço este trajeto teórico para preparar o terreno para minha compreensão das vivências de Cássia, que incluem o existencial e o essencial, o amor e a concupiscência.

Na evolução do tratamento, o trânsito entre o dentro e fora de casa melhora aos poucos, paralelo ao trânsito dos conteúdos trazidos em sessão – o concreto das vivências e sintomas é entremeado com o diáfano dos sonhos. Cássia se surpreende com os sentidos dos sonhos, pois seus tratamentos anteriores não passavam por aí: “*Te conto porque tu sempre vês outras coisas por trás dos sonhos*”.

Penso que nos seus sonhos há várias dimensões – a do inconsciente freudiano, da sexualidade anárquica ou edípica, mas também da dimensão da essência, do mistério e do êxtase. É

<sup>4</sup> TILLICH, *Psychoanalysis, Existentialism and Theology*. Consultei o texto alemão *Die theologische Bedeutung von Psychoanalyse und Existentialismus*, 1955. *Gesammelte Werke*, V. VIII, p.310.

<sup>5</sup> TILLICH, 1987, p.286.

neste diálogo entre Freud e Tillich que pretendo trabalhar alguns fragmentos de sessões:

“Sonhei um monte... tinha viajado aos Estados Unidos, na Disneylândia, e ficamos num hotel simples – quarto com 3 camas, sendo uma cama pela metade – de criança – entrou um monte de gente – era época de carnaval, e disseram que aí davam cada quarto para 50 pessoas... então teria de dormir um em cima do outro...estava um calorão. Ficaram lá – no fim do sonho, eu estava de bermuda e bustiê – tinha um rapaz me olhando... lembrei da novela das 8, uma artista pedindo para o rapaz passar a mão no seio dela... lembrei disso e pensei que o rapaz pudesse querer fazer isso, fui para um canto, para colocar uma roupa mais coberta”.

“Tive ainda outro sonho: Estava num show da Rita Lee, no teatro. A última música ela cantou com os braços abertos – em homenagem a uma pessoa – tocou a todos com a música, até a ela. Saiu, foi ao camarim, se atirou no camarim – queriam trocar a roupa dela, ela não queria que tocassem nela – não queria falar – estava relaxando de toda a tensão do show.

Aí acordei e dormi de novo – sonhei que havia uma perseguição aos cristãos, que alguns homens estavam se atirando no mar, para não serem pegos.... havia uma guerra – o pessoal do exército; Tinha tanques de guerra, homens, e eu passei por eles, nas não fiquei com medo. Depois, na casa da R [amiga] e havia mais outra “irmã”. Estávamos no porão – R e outra “irmã” junto nos refugiamos num cantinho, como se fosse ali – [apontou para o canto dos livros no meu consultório] e começamos a orar. Aí me veio: “estamos ocultas com Cristo, em Deus”. E eles passaram por nós, vasculharam, e não nos acharam. Isso diz na Bíblia, e foi

assim no meu sonho. Era como se fosse a Terceira Guerra Mundial, perseguindo cristãos”.

Cássia tece suas associações: “O primeiro sonho – Estados Unidos – terra que eu gostaria de conhecer... antes de me converter pensava muito nisso, e ainda penso”.

Digo que pode representar um território estrangeiro dentro dela, que ela queira conhecer. Estados Unidos não serão o desejo de unir a sexualidade da cama de criança e da moça de bustiê?

Cássia comenta que “é deste jeito que eu pensava, antes de me converter – agora, olhando a novela, me dá nojo – as mulheres se oferecendo, nem é por estarem apaixonadas, mas de qualquer jeito. Eu também me vestia assim, e achava bonito – essa sensualidade, o se mostrar para todos. Agora, não gosto, e quando vejo, estou escolhendo roupas mais modestas, até já prefiro maiô que biquini...”.

Mais do que recalçamento, parece de outra ordem, do cuidado com o corporal. A sexualidade vai para um plano resguardado, quase sagrado, saindo do plano anárquico. Sofre um velamento, uma instalação de pudor. O pudor instalado possibilita que transite e se mostre, sem logo sentir-se desnudada e com risco de ser estuprada, como a colega de aula na adolescência? A sexualidade que se instala como “jardim fechado” (Cântico dos Cânticos), cuja chave está na sua mão para entregar a quem queira?

Quanto ao sonho com Rita Lee, Cássia comenta o desejo da cantora de não ser tocada nem interrompida, após o show: “Assim me sinto quando cultuo a Deus – me acostumei a ir dormir tarde, porque o R (marido) chega tarde. Mas, mesmo quando ele chega mais cedo, eu continuo indo dormir tarde – fico lendo a Bíblia, e cultuando – me sinto assim como no sonho – um estar bem entregue, bem

gostoso. Não quero outra coisa... De manhã, quando vejo, também já passou a hora, só quero ficar assim, na presença de Deus”.

“Fé é estar possuído pelo que toca incondicionalmente”, escreve Tillich<sup>6</sup>. O êxtase maior é este, e quem poderá reduzi-lo? No entanto, acontece na espera pelo retorno do marido, e quando este volta, este êxtase já a possuiu, de sorte que não anseia pelos prazeres sexuais diretos. O gozo já aconteceu no plano místico, de sorte que não deseja o orgasmo com ele. Será correto interpretar como fuga e repressão? Ou há aqui duas ordens, duas dimensões a serem integradas – um *eros* que se manifesta na essência e pode ser auxiliado a se manifestar também na existência?

No “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”, Freud, em nota de rodapé<sup>7</sup>, comenta sobre a existência de sonhos anagógicos<sup>8</sup>, e cita Rank para afirmar que os sonhos podem admitir mais de uma interpretação. Justamente na época desse escrito, Freud também acrescentou um parágrafo sobre a interpretação anagógica em *A Interpretação de sonhos*<sup>9</sup>. Será algum reflexo da discussão com Oskar Pfister a respeito dos processos de análise e síntese, após o lançamento dos livros *Was bietet die Psychoanalyse dem Erzieher*<sup>10</sup> e *Warheit und Schönheit in Psychoanalyse*<sup>11</sup>, no qual Pfister relata um caso de análise onde os sonhos foram interpretados em sentido analítico e anagógico?<sup>12</sup> Poder-se-ia tecer uma relação entre as dimensões existencial e essencial de Tillich

com as interpretações analítica e anagógica dos sonhos?

Seguindo este raciocínio, poder-se-ia ir um passo adiante, e perguntar se estas as dimensões se interpenetram, de sorte que uma diminuição de sofrimento ou cura na dimensão existencial – mundo das pulsões – é alcançada através da dimensão essencial? É esta relação que me ocorre ao pensar no terceiro sonho de Cássia, do “estar oculta em Cristo”. Ao comentá-lo, me fala que se sente curada dos seus medos de criança. De pequena ficava escondida como no sonho, na impressão de que a qualquer momento pudesse vir uma guerra. No sonho, é a representação de Cristo que a protege de um masculino ameaçador. Cristo, referência de um masculino amoroso, cuja cobertura simultaneamente a leva ao êxtase e livra do masculino estuprador.

E a transferência? “Nos sonhos, sempre tem uma pessoa comigo – e esta pessoa não falava, mas sempre estava junto – para eu não me sentir sozinha”.

A função analítica é oferecer uma presença, que aceite ocultar-se com ela nos cantos escuros, que aceite passar pelas experiências terroríficas, mas também pelas experiências protetoras – calando perante o extático, e interpretando perante o traumático e o recalçado.

As saídas de casa estão mais fáceis, aprendeu a dirigir e arrisca-se a sair de carro. Dois meses depois, traz um sonho de que na sua sala havia um quadrado não coberto pelo piso, onde cres-

<sup>6</sup> Paul TILLICH, *A dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 5.

<sup>7</sup> FREUD, v. XIV, p. 260.

<sup>8</sup> literalmente: “passagem do sentido literal ao místico”, *Dicionário HOUAISS*, p. 201.

<sup>9</sup> FREUD, v. V, p. 558-9.

<sup>10</sup> Traduzido do espanhol como *Psicoanálisis y educación*, Madri, 1932; Buenos Aires, 1943.

<sup>11</sup> Literalmente “Verdade e beleza na psicanálise”. Zurique, 1918.

<sup>12</sup> Ver *Cartas entre Freud & Pfister*, principalmente as cartas 41 e 42, p. 84-87. A respeito dos sonhos interpretados por Pfister, ver *O amor e seus destinos: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise* (São Leopoldo: Sinodal, 2005), da autora.

ceram morangos. “Muito bonitos, mas amargos”: diz não gostar muito de morangos, por mais belos que sejam.

Fala de outro sonho: “*Eu falava para a Maria [amiga] que eu tinha um clitóris muito grande, e com vergonha de mostrar para ela. Mas resolvo mostrar, e ao abrir a calça, havia uma gaze que puxei. Veio junto com a gaze um cordão, pensei ‘como vou deixar a R ver isso?’; aí puxei e cortei. Me deu nojo, parecia um cordão umbilical, não achava normal*”.

Nas associações, fala que sua irmã, quando teve a filha, enrolou o umbigo com gaze, “*mas como não sabia manejar, ao abrir a gaze puxou o umbigo. Ficou preocupadíssima, ligou para o médico, ele disse que só se preocupasse se sangrasse*”.

Falamos de um corte sofrido, um corte que interliga o nascer ao sexual na forma de uma teoria sexual infantil, e de uma mãe não atenta para os primeiros cuidados. Cássia comenta: “*Ao nascer, ficamos desprotegidos; isso é um corte. Isso fica marcado. Com Deus, ganhamos uma nova proteção. Desde lá, não me sinto mais tão mal*”.

O corte no umbigo é símbolo do desamparo, marca do humano. A partir daí, as necessidades são supridas pelo *Nebemensch*, portador do “auxílio alheio”<sup>13</sup>, que na sua história deixa marca de inabilidade alheia – no duplo sentido da palavra –, que traz o risco de deixá-la com ventre aberto; o desamparo se torna traumático e exige como atadura o uso de móveis e paredes da casa. Por esse “buraco” sangra sua angústia, afeto desqualificado em estado bruto de desamparo. A devoção funcionou, em primeiro plano, como um tamponamento, o “estar oculta em Cristo” é gaze protetora dessa ferida de “des-cuido”.

Após o corte do cordão umbilical, o bebê enche seus pulmões de ar, invisível presença que garante a continuidade da vida. Na simbologia cristã, o ar remete à dimensão da essência – o sopro do espírito que é dado como sinal da presença divina, para que a orfanidade não se instale nos discípulos<sup>14</sup>.

Parece que Cássia conhece o pensamento de Paul Tillich, falando do desamparo e amparo – existência e essência. Mas, como Tillich, Cássia também confere um lugar a Freud: quando trabalhamos o motivo de a gaze estar nos genitais, de a ferida ser ali, ela fala que “*ser mulher é feio, ser homem é melhor – mulher sofre mais; para homem é mais fácil. Só quando me converti comecei a gostar de ser mulher, pois vi que Deus me ama assim*”. A ferida feminina agudizada pela sua história – a mãe doente e descuidada que não conseguiu cuidar das cicatrizes; o pai prepotente e livre servido por todos. A religiosidade que funciona como um olhar identificatório que restaura o narcisismo. Na devoção encontra o gozo na identidade feminina, uma presença que reconstitui seu corpo de mulher.

As feridas podem ser “re-veladas”, ainda com muito temor. Poderá mostrar à amiga analista a sua feminilidade deturpada e desvalorizada? Esta poderá ser “des-velada” e cuidada em sua dor e sangramento?

A sexualidade, depois do amparo vivido, pode começar a mostrar suas feridas, sob a forma de falta de desejo e inveja da capacidade masculina de dominar e de se excitar. O clitóris grande interpretado como “feio”, a sexualidade “feia”, que enfim pode ser trabalhada. Morangos que crescem, mas são

<sup>13</sup> FREUD, *Projeto para uma psicologia científica*, 1950. v.I.

<sup>14</sup> Evangelho de João, capítulo 14. 15-18.

amargos, sexualidade crescida na falta de piso do social (sala), por isso amarga. A doçura, por ora, está na devoção, na ligação com o transcendente que a recria como mulher, e permite a expressão do gozo. Segundo Tillich, *eros* não precisará deixar o espírito para migrar ao corpo. A lógica protestante da simultaneidade não opõe sexualidade e espiritualidade; nem carne e espírito.

Cássia conta que falou com o marido dos seus desejos de ser novamente conquistada para usufruir a sexualidade. Reclama que ele é muito apressado, sem rodeios e agrados. “Quando começa mal, eu fico com raiva, e não consigo aproveitar”. Confessa as várias tentativas, as inabilidades que fazem doer, a raiva dos vários tempos. Conta feliz que o marido a escutou com atenção. Que eu também a escute, e desenrole com vagar a gaze dos sonhos, para que possa me desvelar, aos poucos, suas feridas e desejos, anseios e devoções.

Para finalizar, sugiro uma agenda para discussão interdisciplinar:

– A experiência de desamparo traumatizante, ou melhor, a falta de amparo materno primário pode ser recoberta pelas experiências religiosas? Neste caso, qual a distinção a fazer com os amparos paralisantes que devem ser interpretados?

– Poder-se-ia pensar, utilizando o conceito de simultaneidade, a presença de uma tensão entre desamparo e amparo? Poderia ser exemplificado pelas palavras de Cássia: “aprendi que certas coisas eu mesma tenho que fazer e enfrentar e outras, Deus faz por mim”.

– De que forma a visão de mundo do analista influencia o trabalho analí-

tico de interpretação, e a aceitação ou não de experiências do analisando que possam estar mais na dimensão da essência que da existência? Disto dependeria a possibilidade de conceder “carta de cidadania” à interpretação anagógica dos sonhos, ao lado da psicanalítica?

– A leitura psicanalítica da religião, cuja origem está na analogia com a neurose obsessiva, poderia ser revisada para também poder dialogar com formas não obsessivas de expressão religiosa. Aquelas que Freud sinalizou para Pfister com “*a beleza da religião não pertence à psicanálise*”<sup>15</sup>. Para isso, os psicanalistas teriam de vencer seus pré-conceitos e, tal como Freud, aproximarem-se de outros referenciais numa ótica inter/transdisciplinar.

**Keywords:** *Abandonment – Clinic – Sacred – Essence*

**Summary:** *The work features a clinical case in an interdisciplinary approach: the psychoanalytical set is confronted with the thoughts of philosopher and theologian Paul Tillich, taking into consideration the clinical history within a theoretical framework that includes the sacred dimension. The predominant theme is the effect of religious experience on feelings of abandonment, and in which way the psychic make-up of the patient is modified through devotion.*

Recebido em Junho/2005, aceito em Agosto/2005

Endereço para correspondência:  
E-mail: [wondracek@brturbo.com.br](mailto:wondracek@brturbo.com.br)

<sup>15</sup> Carta de Freud a Pfister de 9.10.1918, p. 86.

